

LÍGIA DA SILVA VASCONCELOS COSTA

**CULTURA ACREANA- A IMPORTÂNCIA DAS LENDAS E DO FOLCLORE NO ENSINO
DE ARTES**

XAPURI-ACRE, 25 DE OUTUBRO DE 2011

LÍGIA DA SILVA VASCONCELOS COSTA

**CULTURA ACREANA – A IMPORTÂNCIA DAS LENDAS E DO FOLCLORE NO
ENSINO DAS ARTES**

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais,
habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes
Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador (a): Profª Dra. Therese Hofmann Gatti

Tutor (a).Profa: Dorisdei Valente Rodrigues

XAPURI – ACRE, 10 NOVEMBRO DE 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, porque sem ele eu não estaria viva e não teria fôlego para prosseguir, gostaria de agradecer a minha família e em especial minha mãe e esposo pela paciência e compreensão neste longo processo de aprendizagem. Agradeço aos professores, tutores, coordenadores e aos colegas de sala de aula que formaram na minha vida uma equipe de excelência para me ajudar em todos os momentos, pessoas maravilhosas que insistiram persistiram para que eu pudesse chegar até aqui.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, marido e filhos pelo amor e incentivo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. JUSTIFICATIVA	10
3. DESENVOLVIMENTO.....	12
3.2. OFICINA	22
4. CONCLUSÃO	24
5. REFERÊNCIA	26

1. INTRODUÇÃO

O Acre está situado no sudoeste da região Norte e tem como limites, ao norte o estado do Amazonas, a leste Rondônia, a sudeste o país da Bolívia e ao sul e oeste o Peru. Ocupa uma área de 152.589 km². Sua superfície equivale a menos de 2% do total do país. O Acre é habitado hoje segundo o IBGE de 2010 por 733.599 pessoas. Acesso do site <HTTP://www.cidades.com.br/estado/acre/ac.htm> em 15/12/2011 as 08h00min da manhã.

Pretende-se então a partir destas pesquisas envolvendo o folclore e a cultura do Acre, proporcionar o resgate da contação de histórias através desse folclore e das lendas buscando como estudo a importância da cultura do povo acreano, trazendo isso de forma agradável para alunos da escola de Ensino Médio e Fundamental Divina Providência, nas turmas de 7º e 8º ano, onde poderão ter uma aula satisfatória envolvendo através dessa literatura acreana a imaginação e aprofundamento nas raízes históricas culturais do Acre, usando a Arte como suporte dentro desse contexto, podendo assim desenvolver a reflexão, a criação, a comparação e a análise do tema abordado.

O povo acreano guarda valores aprendidos com seus pais e avós, são símbolos, idéias, crenças e criatividade. Por exemplo: Temos as comidas típicas como Pato no Tucupi, Mugunzá e Tacacá. Temos as brincadeiras como amarelinha, Cabo de Guerra, Cinco Marias, Cabra Cega e outros. Na dança o Acre gosta de Samba, forró e temos também as danças que originaram de índios que aqui habitavam e que hoje está misturado a outros ritmos. Nossa estado cultiva festas como a do Natal, festa de São João em épocas de fogueiras nos meses de junho e julho, temos também no dia 20 de janeiro a festa de São Sebastião entre outras.

Além disso, temos o costume de dizer parlendas como a que eu falava muito quando era mais nova, que dizia: pisei na pedrinha a pedrinha rolou, pisquei pro moçinho, o moçinho gostou, contei pra mamãe, ela não se importou, contei pro papai, chinelo cantou.

Temos também o artesanato que é muito vivo na nossa cidade com a cooperativa Mão de Mulher, que trabalha com o fuxico que é um nome dado a um tipo de artesanato feito com tecido, agulha, linha e muita paciência. Além disso, temos também os que preferem usar as sementes que no nosso estado é abundante como ouriço de castanha, jarina, madeira, cestaria (palha, cipó, timbó, ambé), semente de seringa, coco de murmurú, mulungú, e etc.

Os caminhoneiros de nossa região gostam de colocar frases no pára-choque de seus caminhões, como: Deus ajuda quem cedo madruga ou a cada curva que faço aumenta minha saudade e muitas outras. Além de tudo isso o Acre é um estado onde se usa muitos tipos de provérbios como: água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. Cada macaco no seu galho, de grão em grão a galinha enche o papo e muitos outros.

O povo de nosso estado gosta também de fazer remédio caseiro como a fórmula para aliviar a dor de cabeça que é uma colher de gengibre, duas colheres de alfazema, duas colheres de melissa, três copos de água fervendo. O remédio deve ser preparado da seguinte maneira: Cubra as ervas com água fervendo, em vasília de louça. Tampe e espere esfriar. Tome três xícaras ao dia. Enfim, minha avó e as pessoas de mais experiência de Xapuri sabem de muitos outros remédios.

Essa população foi construída pelos índios, sírios libaneses, sulistas e nordestinos e que hoje formam a sociedade acreana.

O Acre era considerado uma terra com muitas riquezas porque nela havia uma floresta rica de diversidade. A seringueira era conhecida como o ouro branco dos seringueiros, eram terras inesgotáveis e inexploradas. As árvores eram fartas de um leite que valia ouro e com isso os donos dos seringais que iam chegando faziam fortuna bem depressa. Os imigrantes chegavam achando que iam encontrar uma terra que iria lhes proporcionar uma vida diferente da que eles tinham em suas cidades e contavam com uma enorme facilidade para ganhar a vida. Mas logo começaram a chamar a nossa terra de inferno verde porque eles eram escravizados pelos donos dos seringais e eram presos ao comércio do seringalista porque já chegavam devendo dinheiro a eles, além disso, tinham que comprar nos barracões para não morrerem de fome quase toda sua alimentação e utensílios de casa. Com isso, a dívida com os donos dos barracões só aumentava e fazia com que eles ficassem mais presos aos patrões.

Esses imigrantes fugiam da sua realidade, que já não era boa, tangidos pela seca e pela guerra e a única opção era encarar a floresta, a solidão das colocações de seringa. Naquele tempo os seringalistas também usavam de crueldade com os índios, assim como também os seringueiros eram amarrados e açoitados nos troncos das árvores, seringalistas tiravam as suas mulheres à força e levavam para seus barracões para usá-las como amantes.

Alguns seringueiros vinham de outros estados para o Acre atrás de terras, tentavam ocupá-las na força de seu braço, e na maioria das vezes não conseguiam êxito. Hoje, no entanto,

existem muitas pessoas que vieram dos seringais e vivem tranquilamente em nossas cidades, gostam de contar histórias e credices que acreditam fielmente.

A vida do seringueiro era dura, porém, era também cheia de mistérios e fantasias. Cheia de visões e criaturas encantadas, são tantas as histórias que não conseguíamos contar tudo. Os seringueiros moravam nas colocações de seringa que eram localizadas no centro dos seringais. Cada colocação possuía em média de três a seis estradas de seringa, ou seja, onde estavam as seringueiras de onde se tirava o leite para produzir a borracha.

Eles tinham uma vida organizada, e respeitavam as hierarquias porque sabiam que se não obedecem, ou desempenhassem seu serviço direito eram punidos pelos seringalistas.

No seringal tinha a seguinte divisão:

O gerente substituía o seringalista do seringal em sua ausência, ele gerenciava impondo as atividades a serem realizadas e inspecionava as atividades realizadas pelos seringueiros. Havia também o Guarda-Livros, responsável por anotar as mercadorias que entravam e saíam dos barracões do seringalista. Anotava a borracha entregue pelo seringueiro e a mercadoria que esse seringueiro recebia na entrega da borracha.

O Caixeiro coordenava os depósitos de borracha e de peles de animais silvestres, trazidos pelos seringueiros. Os comboieiros levavam as mercadorias em burros, do barracão à colocação de seringa, conduzidos pelos Varadouros e na volta traziam as borrachas produzidas pelos seringueiros até os barracões. Tinha também o Mateiro que ficava responsável pela identificação de áreas das florestas que tinham seringueiras, quando se abria outra colocação de seringa.

Os Toqueiros eram os que ficavam sobre a responsabilidade de abrir as estradas de seringa. Os caçadores, pelo abastecimento do seringalista com a carne de caça e o Fiscal que era responsável para verificar o trabalho dos seringueiros, se estavam ou não, respeitando os tipos de corte permitidos nas seringueiras.

O seringueiro além de cortar seringa ele também caçava, pescava, plantava, cortava lenha e realizava outras atividades artesanais, além da defumação da borracha. A relação entre seringueiros e seringalistas não era boa porque tudo que acontecia com o seringueiro era de certa

forma extorsão e isso os deixava aborrecidos porque não sabiam nem ler, nem escrever o que contribuía ainda mais serem enganados.

Segundo a Católica a Madalena Marchesine, serva de Maria, relatou fato presenciado por ela nas suas andanças pelos seringais de Brasiléia no ano de 1972.

“Tinha um seringal que era o pior de todos. Parece que três ou quatro pessoas sabiam ler e escrever. Foi o pior de todos. Eles diziam: Eu não sei, eu não sei, eu trabalhei tanto. Esse ano, eu cortei muito mais seringa do que ano passado e tenho mais dívida do que ano passado. Eu vou contar até um fato: Chegamos numa casa e o dono tinha a lista do seringalista, que tinha dado para pagar. Ele disse: Olha, cortei tanta seringa este ano... Ele não sabia ler, nem escrever. Pegou a lista olhou. Tinha 16 de setembro de 1978. 1978 eram somado, como se ele tivesse comprado 1978 de coisas. E quando dissemos: Vai lá e diz que data não é para pagar. O dono do barracão ficou brabo com as irmãs. Eles não entendiam, coitados, que não estava certo. Não sabiam ler, nem escrever. Só aquele lá do barracão que sabia, enganava eles”. (Trecho do depoimento oral da religiosa católica, da ordem dos servos de Maria, Madalena Marchesine. Rio Branco, 1993).

Além disso, o seringueiro também tinha a fama de preguiçoso porque se contrapondo as desonestidades dos patrões, ao invés de vender seus produtos de borracha ao dono do seringal onde trabalhava, vendiam para os comerciantes regatões que transitavam pela região. Logo, eram chamados de ladrões preguiçosos.

Essas histórias são conhecidas em todo o território acreano pelos de mais idade, entretanto, alguns de nossos alunos não conhecem muito dessas histórias e não tem oportunidade de conhecer, neste sentido o conhecimento desses fatos serão usados para propiciar ao aluno uma reflexão sobre essa realidade dos seringais descobrindo e trazendo para a realidade que os cerca suas próprias raízes. Assim terão a chance de aprender com os outros por meio de depoimentos, debates, da cooperação valorizando e respeitando as opiniões uns dos outros. Estarão cultivando valores de nossa região que são importantes para a reconstrução da nossa sociedade.

Essas raízes trarão para eles leitura e análise do tema, podendo haver interação com os colegas trazendo mudanças de atitude por meio do conhecimento adquirido por eles. Com isso os alunos serão capazes de aprender o que mudou, porque mudou, estabelecendo relações entre a história do Acre e o valor que isso trouxe para a formação desse povo seringueiro.

Nesse caso será também importante uma análise feita pelos estudantes de cada fato, objeto ou situação conhecida por eles. Poderão também, escrever tudo aquilo que sentem, expondo suas idéias, questionando ou apresentando algum argumento a favor ou contra desses fatos ou também apresentá-los em diferentes contextos.

Nossos alunos estarão resgatando suas raízes através da reflexão, da leitura e observação e, sobretudo apreciando valores antes perdidos descobrindo e redescobrindo a arte dentro desse contexto. Com a participação de todos será possível a construção do conhecimento porque precisamos entender que aprender requer observação, pesquisa, investigação e construção. Dentro dessa situação a cultura de nosso estado voltará a pulsar no coração e no entendimento de nossos alunos, que consequentemente terão a oportunidade de voltar a suas origens.

2 – JUSTIFICATIVA

Durante o curso de Licenciatura em Artes Visuais, comecei a idealizar a realização de um projeto, onde eu iria abordar a cultura e o folclore do nosso estado. Pensar nisso me levou a querer entender o que a história do Acre tem haver com o folclore e a cultura de nosso estado.

O referido trabalho tem como principal pensamento norteador uma analise sobre a importância e o resgate cultural de nossa própria identidade, o que nos leva a pensar em uma proposta para o ensino de artes que possibilite ao aluno, trazer seu conhecimento para a sala de aula, se percebendo como pessoa possuidora de cultura e não apenas um mero receptor, como podemos observar na nossa educação tradicional que ainda tem a figura do professor como detentor de conhecimento e o aluno como uma caixa de depósito.

Trazemos para nosso debate o conceito antropológico de cultura nas reflexões de LARAIA (2006), como contribuição para pensar a diversidade cultural da espécie humana, considerando o homem como o único ser que possui cultura. Nesse contexto, cada aluno é um ser cultural e cada cidadão do Acre também, assim investiga-se a transmissão das tradições antigas do povo acreano que ainda no século XXI permanecem “vivas” na memória das pessoas com mais idade que ajudaram a formar o território acreano.

Pretende-se também valorizar a identidade dos alunos enquanto cidadãos que possuem uma rica e diversificada cultura de uma região do país que se faz esquecida. Mas pulsa em suas danças, lendas, comidas típicas e matéria prima. Assim como desenvolver habilidades e competências do fazer artístico, apontamos o diálogo como uma forma de troca de aprendizagem entre os alunos na interação da experiência entre crianças, jovens e adultos.

Por ser a escola uma instituição importante para o crescimento e desenvolvimento da criança e do jovem, senti a necessidade de desenvolver este projeto que busca possíveis soluções para o aprofundamento da história literária acreana de nossos alunos. Contribuindo assim, na qualidade e incentivo desses alunos fazendo com que eles participem e realizem as atividades que lhes fora oferecidas.

Justifica-se então a importância deste projeto, que nos permite conhecer melhor o processo de cultura e crenças dos acreanos e sua importante contribuição para a nossa identidade e nosso crescimento dentro da arte.

Nesse contexto, o projeto visa o resgate da cultura do estado, por meio das lendas e do ensino de artes, afirmando a identidade dos alunos e a divulgação dessas lendas entre os mais jovens. Percebemos que crianças e jovens vem perdendo a tradição de ouvir as lendas, histórias inventadas e o gosto pela leitura, por consequência da vida tecnológica que chegou trazendo ‘modernidade’, falta de tempo para as historinhas antes de dormir, por isso, elas estão sendo esquecidas e abandonadas como algo que não possui mais um significado de transmissão cultural.

E o papel do professor de arte como educador é de criar aulas com toda a estrutura adequada na proposta de ensino do seu conhecimento sobre aquilo que vai ensinar. Afirmando e mostrando essa relação no decorrer das práticas desenvolvidas.

Neste sentido, tendo em vista a necessidade do aluno de aprender um pouco mais sobre sua cultura pretendo desenvolver dentro das séries do 7º e 8º ano, da escola de ensino Fundamental Divina Providência, diagnosticando como essa cultura vem sumindo da presença de nossos alunos, possibilitando a eles uma visão crítica sobre a proposta apresentada, possibilitar a eles as possíveis causas de como e porque não se vê mais a história do Acre viva em suas memórias e acima de tudo conscientizar esses alunos a participarem efetivamente dessa cultura acreana fazendo com que eles tomem o interesse pela sua gente, suas raízes e suas histórias.

3- DESENVOLVIMENTO

Acredito que, portanto, existe uma grande necessidade de nossos alunos aprenderem o valor que tem a cultura acreana, podendo relacionar isso com a arte dentro das tradições e crenças acreanas.

Este povo sem saber, analfabeto foi capaz de sobreviver e mostrar que suas dificuldades foram superadas. Eles desempenhavam as suas atividades agrícolas de consumo familiar para tentar diminuir sua dívida com os donos dos barracões. Eram homens, mulheres e crianças que sofreram perseguições e muitos foram até assassinados por seus patrões. Tiveram seus bens roubados e ainda assim acreditavam em dias melhores.

Havia ainda, aqueles que tentavam fugir, para livrar-se dessa vida, mas não conseguiam, chegavam a elaborar planos de fuga em seu cotidiano, mas a maioria dos seringueiros tinham a tradição de ensinar aos seus filhos que ficar e lutar era preciso, resistir fugindo não é mais preciso. Eles diziam isso porque se a fuga desse errado, eles não conseguiram mais vincular-se a outro patrão. Neste caso, eles teriam que trabalhar de meieiro, ou seja, ficavam com a metade do que era produzido na colocação de seringa de outro seringueiro. Eles preferiam ficar ligados a outro seringueiro a sofrer na mão dos seringalistas.

Os seringueiros eram muito unidos e quando não conseguiam realizar suas tarefas como a farinhada, que era fazer muita farinha para a subsistência, ou construir casas, juntavam-se e ajudavam-se.

Suas formas de diversão eram simples como compartilharem conversas do que lhes aconteciam no dia a dia, faziam rezas e orações e compartilhavam seus problemas. Eram muito solidários uns com os outros, e eu acredito que ainda são até hoje.

No ano de 1970 surgiu o termo empate, que vem de empatar, neste caso tem o significado de se impedir alguém de realizar ato danoso a um determinado grupo. Os primeiros empates foram organizados pelos seringueiros como forma de se contrapor aos fazendeiros que queriam expulsá-los de suas colocações de seringas, ou para impedir que os fazendeiros derrubassem a floresta, para formar pastos para seus bois.

Homens, mulheres e Crianças eram colocadas a frente de armas, motores-serra e dos peões dos fazendeiros e madeireiros para impedir suas terras de serem invadidas e sua floresta derrubada.

Eles tinham ainda a tradição de rezar o pai nosso do seringueiro quando iam para os empates. Os seringueiros rezavão:

“Seringueiro que estas na selva, multiplicados sejam os vossos dias, venha a nós o vosso leite, seja feita a nossa borracha, assim na prensa como na caixa, para o sustento de nossas famílias, nos daí hoje e todos os dias, perdoai nossa ingratidão, assim como nós perdoamos, as maldades dos patrões, e ajudai a nos libertar, das garras do regatão. Amém.” (ARAUJO, Jaime da silva. “Pai nosso do Seringueiro” IN: Conselho Nacional dos Seringueiros- Comissão Municipal de Brasiléia. Poemas, Hinos e Rezas sobre os seringueiros, suas vidas e lutas. Brasiléia, 1987).

As mulheres em meio a isso tudo, eram guerreiras porque além de sofrerem a vida que tinham, sofriam caladas a violência de seus patrões. Ajudavam no corte da seringa, cuidavam de casa e fazia juntamente com seus maridos a agricultura familiar. Além de tudo isso, as mulheres também sofriam muito com a gravidez no parto que era realizado pelas parteiras.

Segundo o Livro História do Acre, a seringueira Maria de Almeida Melo, residente no seringal Porongaba, em Brasiléia, é praticante de uma medicina popular naquela região capaz de exercer com respeito uma prática aprendida em um viver que proporciona relações diretas com a natureza e com os vegetais da floresta. Foi como parteira que dona Maria ficou conhecida naquela região.

O trabalho da parteira é quando a mulher está sofrendo e a parteira sonda a criança na barriga da mãe. Se a criança estiver torta, a parteira endireita, depois ela diz como a mãe deve manter o controle e comportar-se e o bebê nasce. Essas parteiras também ajudam no combate a doenças com os remédios tradicionais, ou caseiros como chá da urtiga, uma folha abundante em nossa região. Folha de Anta, muito conhecida em nossa região, dentre outros. Para as gripes elas faziam chás dos vegetais: agrião, mussambê e chicória. Quando a criança pegava sarampo, tomavam chá de aça-flor e sabugueira. Se o sarampo ficasse muito forte a criança tinha que tomar mamona com enxofre.

Se a infecção fosse localizada no fígado tinham que tomar chá da casca da árvore mulungú. E assim, curavam as doenças naquela época.

Muitas dessas crenças e tradições de acreditarem que de fato o remédio caseiro curava, assim como sabemos que alguns desses remédios são comprovados cientificamente que de fato podem curar.

Assim como antigamente existem também hoje, aquelas doenças que os de mais idade acreditam que só podem ser curadas através das rezas. Um exemplo bem claro disso é a doença chamada sapinho, uma espécie de infecção na parte bucal da criança e a conhecida vermelha, espécie de furúnculo que aparece nas pernas dos seringueiros, chegando a causar febre e dores muito fortes no corpo.

Para tais moléstias, a mesma, incorporando sua fé cristã, como católica que é reza e narra, com orgulho, que Deus lhe deu o dom da cura pelas rezas. Assim as rezas entram freqüentemente quando as crianças segundo os pais dizem estar com: vento caído, mal olhado e quebranto. Então aí neste caso a reza também é o remédio.

Essa crendice do povo da floresta vai ainda mais longe quando os seringueiros caçadores, que são mais supersticiosos acreditam que existe a panema. Panema é a situação de ficarem azarados para matarem as caças. Dizem isso quando não conseguem matar nenhum animal da floresta. Fazem pontaria. Atiram e erram. Não enxergam o animal à sua frente, e passam bastante tempo sem conseguir carne de caça. Portanto, neste caso eles acreditam profundamente que estão no azar, de um caçador com panema. Dizem ainda que devam evitar doar carne de caça as pessoas invejosas, por que essas pessoas podem enterrar os ossos dos animais no fogão de barro ou até mesmo jogá-los na privada. Acreditam que as pessoas invejosas podem chegar ao extremo de realizar suas necessidades fisiológicas sobre esses ossos. Tudo isso são fortes motivos para panemar um seringueiro caçador.

O povo seringueiro é tão supersticioso que para voltarem a serem bons caçadores é preciso fazer remédios caseiros, ou remédios do mato, eles pegam o tipi, a pena do nambu azul, o cabelo do porquinho do mato, o cabelo de um veado, colocam dentro de uma panela, fervem e recebem o vapor, a fumaça misturada e depois disso dizem estarem hábitos a caçarem novamente com sucesso.

Essa questão de tradição, de crendices é tão profunda no povo antigo de nosso Acre que até mesmo para cortar a seringueira para se obter leite para fazer a borracha deve-se estar no tempo certo. Eles evitam trabalhar dessa maneira no inverno e dizem que preferem o mês de abril e encerram o corte no mês de dezembro de cada ano. Da mesma forma, é na defumação da borracha, geralmente eles sempre gostavam de fazer isso na tardinha para não coalhar a borracha.

Toda essa cultura acreana, de certa forma, sobreviveu até os dias de hoje porque ficamos sabendo através de depoimento de pessoas da mesma época em que isso aconteceu que por sua vez passaram de pai para filhos e assim perpetuamente até os dias atuais. Apesar, de tudo ser devidamente registrado em alguns livros e até mesmo no depoimento de nossas avós e bisavós, nossos jovens não tem aprendido um pouco mais do povo acreano de mais idade como deveriam. Não sabem a importância de tudo isso para a nossa identidade cultural como cidadãs do Acre.

Temos ainda as muitas histórias acreanas de lendas e acontecimentos encantados de nossos seringais que são: as histórias do Mapinguari, Matinta Pereira, Caboquinho da Mata e batedor.

Segundo o Livro História do Acre, o senhor Severino Cordeiro da Silva, residente da cidade de Feijó, de origem nordestina, chegou aos seringais do Acre em 1943 para produzir borracha na área do rio Tarauacá, afluente do rio Juruá. Foi desta forma, apegado aos seus valores, que contou o que sabia sobre o Mapinguari.

Dizia que não acreditava em Mapinguari, e que era uma história engraçada. Ele ouvia falar disso em todo canto. Ouvia dizer que o Mapinguari tinha o passo redondo e a mão de pilão, tinha o grito muito forte e era todo de casco. Tinha um olho no meio da testa e outro no meio do umbigo. Então conta que um dia andava cortando, viu um rastro redondo, e aí pensou que era de um macaco grande, quando ele derrepente escutou um grito forte, e então acreditou que de fato era o Mapinguari, ele então se sentou e ficou escondido quando lá vem o Mapinguari com um homem debaixo do braço, comendo os pedaços e dizendo: dia santo também se come. Essa história oral alcançou todos os seringais do Acre e perpetua até os dias de hoje. Em entrevista com a senhora Joana Dalila da Silva, nascida no ano de 24 de junho de 1939, residente da cidade de Xapuri, Conta que quando morava no seringal Albrácia, existiam muitas histórias como, por exemplo, a do Mapinguari, que segundo ela tinha o passo redondo, a mão é de pilão e o grito muito forte. Tem um olho no meio do umbigo e outro no meio da testa e o único lugar que pode matá-lo é se ele for atingido em um desses dois lugares. Ela conta que “ele pega os caçadores e come-os vivinhos e ainda fala que dia santo também se come”. A senhora Joana tem hoje 72 anos, mais se lembra das histórias da floresta, da época em que morava lá como se fosse hoje.

Segundo a Senhora Maria de Nazaré do Nascimento, 58 anos, moradora de nossa cidade xapuriense, professora e filha de seringueiros que tem muitas histórias fantásticas sobre sua vida

nos seringais quando criança. Conta que “uma noite um amigo seu estava ‘esperando’ caça no mato trepado num galho de árvore, quando de repente uma voz lhe perguntou: eu entro, eu entro, eu entro? Ele todo arrepiado, cada vez mais calado, se encolhia na espera. Até que algo entrou em sua rede, encostou-se nele e era peludo. Saiu correndo, desesperado e nunca mais voltou a esperar nenhuma caça”. Ela credita que esse acontecimento tratava-se do Mapinguari.

Conta-se também a lenda do Caboquinho da Mata que surge como um ser capaz de satisfazer desejos, de castigar ou assustar os que praticam ações desagradáveis a seus olhos. Os que são mais castigados são os ambiciosos por que matam a caça e não comem, estragam a carne e maltratam os animais. A esses ele aplica severos castigos, quase todo seringueiro acredita que ele existe.

Segundo o relato que se encontra na página 146 do livro História do Acre, a senhora Marina Lopes dos Santos, no ano de 1993, na região de Brasiléia, afirma ter visto o Caboquinho da mata, no seringal São Vicente, coloção São Francisco. Conta que neste dia andava só, seu marido andava por uma perna de seringa (estrada de seringa) e ela pela outra perna, aí no fim do corte que eles iam se encontrar, porque uma estrada de seringa encontrava com a outra. Para ela conseguir colher mais do que seu esposo, corria para as seringueiras de mais leite. Derrepente ela viu um ser pequeninho e bem moreninho, disse que era o Caboquinho, ela olhava com muito medo e ele desapareceu no ar. Conta que depois disso, ficou com medo e não andou mais naquele trecho cortando seringa.

Temos ainda a lendária Matinta-Pereira que é outro ser sobrenatural que os moradores seringueiros falam muito, ela é a representação que os seringueiros fazem das mulheres mais velhas, dizem que a noite ela passa velozmente sem ser vista deixando como marca o seu assobio. Quando o seringueiro quer descobrir quem é a mulher que se transforma na Matinta-Pereira, basta ofertar no momento em que ela passa um pouco de tabaco. Na manhã bem cedo, do outro dia aparece à porta do barraco do seringueiro, uma senhora, sua vizinha, cobrando o tabaco ofertado. A partir daí, passa-se a conhecer uma vizinha de espírito ruim.

Essas histórias são contadas em todos os cantos de nossa cidade enriquecendo ainda mais a nossa cultura, apesar de serem histórias contadas apenas pelas pessoas mais velhas, trazendo assim um resgate muito interessante de conhecimentos culturais que devem ser mostrados aos nossos alunos trazendo como objetivos fazer-se conhecer essas histórias também pelos nossos

jovens alunos. No intuito de não morrer essa cultura tão importante para a nossa sociedade. Apresentar aos alunos o que vem a ser folclore, contação de histórias, com a finalidade de preservar toda uma história.

Com essas histórias os seringueiros vão vivendo e guardando para si situações que poderiam até mesmo ser contadas através não só da oralidade, mais até mesmo de um livro. Cada um tem uma maneira diferente de contar sua história e de acreditar nela. O nosso estado é rico em lendas e crenças populares pelos mais velhos, ex- moradores de seringais que vivem aqui na própria cidade de Xapuri e que têm muitos relatos de pessoas que vivenciaram essas situações.

A importância da cultura e do folclore é tão grande que comemoramos em todo o Brasil no dia 22 de Agosto. É preciso explicar para nossos jovens estudantes a grande luta que aconteceu no passado para hoje o Acre ter sido anexado ao Brasil.

Nossos símbolos acreanos dizem tudo sobre a história da nossa formação. Quando estamos frente, por exemplo, da bandeira acreana, conseguimos entender que sua história simboliza muito. Suas cores têm representações fortes e simbolizam o nosso processo histórico de enaltecer a Revolução Acreana. A estrela vermelha simboliza o farol que guiou os homens que lutaram na incorporação do Acre ao território nacional.

Até mesmo o hino acreano foi muito expressivo ao falar do Acre, graças à letra do jovem médico Francisco Mangabeira e música de Mozart Donizetti, homens que acreditavam no nosso estado, nas suas formas de vê a vida, na suas tradições, crenças e lutas, para poderem ter chegado até aqui.

A letra do Ino Acreano diz muito de tudo que esse povo lutava e acreditava, do que eles queriam e conseguiam porque sua cultura era viva na sua memória.

A letra do Ino Acreano era: Que este sol a brilhar soberano, sobre as matas que vem com amor, encha o peito de cada acreano, de nobreza, constância e valor. Invencível e grande na guerra imitemos o exemplo sem par, do amplo rio que brilha com a terra, vence-a e entra brigando com o mar. Fulge um astro na nossa bandeira, que foi tinto no sangue de heróis, adoremos na estrela altaneira, e o melhor dos faróis. Triunfantes da luta voltando, temos na alma os encantos do céu, e na fronte serena radiante, imortal e sagrado troféu. O Brasil a exaltar acompanha nossos passos, portanto, é subir. Que da glória a divina montanha, tem no cimo o arrebol do porvir. Possuímos um bem conquistado nobremente com as armas nas mãos, se o afrontarem, de cada soldado surgirá um leão. Liberdade é o querido tesouro, que depois do lutar nos seduz tal rio que rola o sol de ouro. Lança um manto sublime de luz. Vamos ter como prêmio de guerra, um consolo que as penas desfaz, vendo as flores do amor sobre a terra, e no céu o arco-íris da paz. As esposas e

mães carinhosas, a esperar-nos nos lares fiéis, atapetam as portas de rosas, e, cantando, entretecem lauréis. Mas se audaz estrangeiro algum dia, nossos brios de novo ofender, lutaremos, sem cair, sem tremer. E ergueremos então destas zonas, tal canto vibrante e viril. Que será como a voz do Amazonas ecoando por todo o Brasil. Acesso: <HTTP://letras.cifras.com.br/hinos/acre>. Data: 25/11/2011.

A metodologia que utilizarei neste projeto é a metodologia baseada Segundo LARAIA (2006):

Um dilema que permanece como tema central de numerosas polêmicas é a diversidade de modos de comportamento existentes entre os diferentes povos. Desde a Antigüidade, foram comuns as tentativas de explicar as diferenças de comportamento entre os homens, a partir das variações dos ambientes físicos. No entanto, logo os estudiosos concluíram que as diferenças de comportamento entre os homens não poderiam ser explicadas através das diversidades sematológicas ou mesológicas. Tanto o determinismo geográfico quanto o determinismo biológico foram incapazes de resolver o dilema, pois o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado chamado de endoculturação, ou seja, um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada (disponível on-line <http://pt.shvoong.com/social-sciences/anthropology/1643717-cultura-um-conceito- antropológico>)

Outra coisa que me chamou bastante atenção foi na lei que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou em sua gestão, lei essa que obriga o ensino de Artes em todos os níveis da educação básica. A Lei 12.287, de 13 de julho de 2010, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Na nova redação, os currículos do ensino fundamental e médio devem conter o "ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais". Tendo como objetivo do texto, "promover o desenvolvimento cultural dos alunos".

Com o objetivo de promover o desenvolvimento cultural de nossos alunos no Acre buscamos fazer o resgate da tradição oral pelas lendas dos acreanos como forma de incentivar e valorizar a arte no cotidiano de nossas escolas no ensino fundamental.

Pretendo com as orientações que foram impostas na nova lei citada acima que os objetivos do ensino fundamental sejam alcançados porque eu acredito que nossos alunos são capazes de conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Este projeto investiga uma possibilidade de desenvolver o ensino das artes visuais na produção de desenhos que contemplem uma releitura e o resgate das histórias contadas por seringueiros acreanos, a fim de ensinar aos alunos do 7º e 8º ano da escola de Ensino fundamental, Divina Providência a entenderem melhor algumas lendas podendo assim resgatar uma parte do acre que hoje não se fala mais como antigamente.

Por tudo isso, observa-se que uma das necessidades maiores de nossos alunos hoje em dia, é o aperfeiçoamento da leitura, transformando a aprendizagem em um ato prazeroso, significativo e útil. De maneira que as lendas oportunizarão os educadores trabalharem relacionando as características dos personagens com a vivência e até mesmo identificar através dessa cultura suas próprias raízes.

Assim acontece com as lendas ou histórias inventadas. Antes as pessoas costumavam ficarem horas conversando e contando histórias, as crianças adoravam ouvir e aprendiam para contar mais tarde, hoje, com as novas tecnologias, elas ficam presas ao celular, a televisão, ao computador, aos games e não tem a oportunidade de conhecer e viajar nestas histórias, tão pouco, aprende-se para dar continuidade a essa tradição.

Minha preocupação no decorrer deste trabalho é fazer com que as crianças do ensino fundamental tenham conhecimento dessas histórias de nossa terra através da leitura e da imagem fazendo com que eles aprendam e despertem o interesse pela sua própria história. Assim, serão resgatadas as histórias e tradições envolvidas no misticismo de nossas raízes que são presentes até os dias de hoje, mais que estão esquecidas.

São histórias que passam de pai para filho e são verdadeiros poemas que muitos dizem ter vivenciado com uma convicção incrível, misturam-se entre as histórias o real e o imaginário. Eu particularmente já conhecia algumas dessas histórias porque meus avôs eram seringueiros e minha avó sempre contava essas histórias para minhas irmãs e eu. Crescemos ouvindo as peripécias de Caboclinho nas matas onde os caçadores estavam ‘esperando’ e caçando.

As lendas estão dentro do folclore que são conhecimentos de uma região transmitidos de uma pessoa para outra através de contos inventados ou vividos por pais e avós. Então eu entendo que folclore é o conjunto de lendas, crenças, contos, superstições, artes e costumes de um povo que desaparece se as pessoas deixam de praticá-lo. As brincadeiras de rua,

por exemplo, estão deixando de existir porque as crianças não brincam mais nas ruas, ficando mais fechadas em casa, com outros interesses, como o videogame e até por causa da violência e das drogas que estão tomando de contas também das pequenas cidades.

É importante lembrar que o folclore, por causa dessa sua característica de ser passado de pais para filhos, é uma das principais formas de se manter a cultura de um povo. Quando desaparece o folclore, desaparece também o laço que unia as pessoas daquela comunidade.

Por isso, a importância de conhecer e praticar o folclore, cultivando o hábito da leitura. Todos sabem da importância do hábito da leitura, hábito este que tem que começar na infância. Com a leitura as crianças adquirem vocabulário, e ao mesmo tempo em que se concentram no texto a mente se libera imaginando os cenários e cenas descritos, criando mentalmente o personagem apresentado na história.

A idéia é fazê-los crescer valorizando a cultura da sua região envolvendo as lendas e o conhecimento que essas histórias lhes proporcionaram. Assim seu imaginário terá a oportunidade de fazer viagens fantásticas, mas principalmente, não esquecendo suas raízes caboclas, nordestinas, seringueiras.

E com este trabalho que será desenvolvido na forma de oficinas propomos fomentar o hábito da leitura, despertar o interesse pela cultura local, e propiciar momentos de criação artística incentivando os jovens em atividades de desenho e pintura e de criação de suas histórias.

Afinal, o aperfeiçoamento da leitura, o conhecimento de sua própria cultura, leva o aluno à inserção no mundo de forma a ser sujeito de sua própria história. Concordo com LARAIA (2006) quando diz que:

A cultura se desenvolveu a partir da possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos, capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico. Isto significa afirmar que tudo o que o homem faz, aprendeu com os seus semelhantes e não decorre de imposições originadas fora da cultura (disponível on-line <http://pt.shvoong.com/social-sciences/anthropology/1643717-cultura-um-conceito-antropológico>).

Não podemos permitir que as tecnologias sejam essas imposições de fora da cultura que venham para ocasionar o desaparecimento das tradições de nossas culturas que são as histórias inventadas, lendas e mitos.

A pretensão é trabalhar de maneira que possa desenvolver a leitura e com isso o hábito de ler e entender do que a lenda se trata. No desenvolvimento deste trabalho visamos uma melhoria no conhecimento de história do povo acreano através das lendas que vai implicar em uma mudança de pensamento e evolução dos alunos para compreensão e valorização do seringueiro. Isso também implicará no avanço e no crescimento desses alunos que passarão a dar mais valor aos mais velhos.

Gostaria de lembrar que a cultura popular tem como essência o imaginário, que configura uma riqueza imprescindível. É nesse campo fértil que o imaginário popular atua, revelando sentimentos que desabrocham em lendas, mitos, contos, crendices, superstições e em outras belezas que retratam a nossa cultura. As lendas em especial, devem ser consideradas como narrativas que enfeitam e caracterizam o lugar, acompanhadas de mistérios, assombrações e medos. Elas acompanham fatos e acontecimentos comuns, ilustradas por cenários exóticos e de curta extensão. Muitas vezes são fatos verídicos acrescentados de novos dados ou até mesmo recriados.

Neste projeto temos também o intuito de aplicar e avaliar trabalhos referentes ao conhecimento das lendas já adquiridos pelos alunos como forma de observar o seu desempenho a respeito do assunto, e através de outras fontes poder ajudá-los a obter mais conhecimento.

3.2 – OFICINA

Este é o momento de me permitir e permitir que os alunos soltem a imaginação contando o que sabem, buscando conhecer através de seus familiares histórias de sua infância, ou mesmo dos seus antepassados, afinal, em nossa cidade, praticamente todos tem um ‘pezinho no seringal’, no sentido de que todos nós somos descendentes dos seringueiros. Para isso desenvolveremos a aula da seguinte forma: Sentaremos em círculo para que todos vejam todos.

Distribuiremos pequenos pedaços de papel com nomes de personagens folclóricos como: Caboquinho da Mata, Curupira, Mãe da mata, Mapinguari, Matinta Pereira, dentre outros, onde cada um terá que falar o que sabe ou o que já ouviu sobre eles. Espera-se que saiam histórias fantásticas sobre estes personagens.

Depois serão apresentados livros com essas histórias para uma roda de leitura, a idéia é que levem para casa.

Na aula seguinte uma roda de contação sobre as leituras feitas, onde cada um irá falar da experiência com os livros, comparando ao que já se sabia antes dessas lendas, e o que procuraram saber com os adultos.

Depois que os alunos estiverem por dentro da cultura acreana. Pretendo então, realizar com os alunos, desenhos feitos por eles que falem um pouco de como eles entenderam toda essa cultura que lhes foi imposta e estudada, afim de que possam desenvolver esses desenhos artisticamente e com isso que eles possam apresentar uns para os outros através do desenho que fizeram aquilo que aprenderam.

Neste momento pretendo então que eles entendam como a arte está inserida neste contexto.

Escola: Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Divina Providência.

Turma: 7º e 8º ano.

Plano de Aula: Cultura Acreana- A Importância das Lendas e Do Folclore no Ensino das Artes.

Objetivos gerais	Objetivos específicos	Procedimentos	Metodologia	Recursos	Cronologia
Reflexão sobre a importância da cultura acreana em nossas vidas. Aprender um pouco mais das tradições e lendas acreanas.	Reconhecer a importância da arte em nossas vidas. Relatar aquilo que sabem sobre o assunto abordado.	Debate sobre todo o processo da cultura acreana no decorrer da aula.	Fazer um círculo para roda de conversa dos temas abordados e relatados durante as aulas anteriores.	Texto impresso sobre a cultura acreana. Livros de lendas acreanas.	4 horas/aulas

4. CONCLUSÃO

A maior dificuldade em realizar este trabalho foi superar minhas próprias barreiras, meus limites, minhas ansiedades, meus desejos e o grande desgaste da preocupação que nos rodeia em um trabalho como este. Conseguí algumas informações em alguns livros e com o depoimento de algumas pessoas que sabem um pouco de lendas e mitos da nossa região.

Com este trabalho espera-se que os alunos possam aprender um pouco mais sobre as misteriosas e belas lendas do Acre e que assim a nossa cultura não possa adormecer jamais. Que possam aprender o valor que o depoimento dessas pessoas tem para o nosso estado. E assim aprenderão a valorizar aquilo que o estado tem e nos oferece em sua cultura.

Que nossos alunos possam entender onde estão mais arraigadas essas lendas, no interior de nosso estado. Espero que esses alunos possam estar preparados para viajar neste mundo fantástico das crenças. Agradeço a todos que tornaram esse trabalho possível, no qual sem as informações não seria possível fazê-lo.

Este trabalho visa o resgate da nossa própria história como contribuição não apenas para o ensino de arte, mas também, para preservação da identidade dos acreanos. A oficina propõe despertar a imaginação a criatividade e o trabalho coletivo, a partir das lendas os alunos poderão escolher personagens ou recriá-los utilizando a técnica de desenho. Nesse contexto investigamos como é possível a partir da lenda desenvolver a criatividade, a participação, a comunicação e a socialização dos alunos.

Conclui-se que o folclore é um tema que além de nos proporcionar uma leitura agradável, nos faz viajar realmente no que é real ou não. O folclore reúne um conjunto conhecimentos e tradições populares de uma região, que são transmitidos de uma pessoa para outra. Fazem parte do folclore as canções, danças, lendas, crenças, festas, provérbios e etc.

As lendas, por exemplo, são estórias contadas por pessoas e transmitidas oralmente através dos tempos, misturam fatos reais e históricos com acontecimentos que são frutos da fantasia. Elas procuram dar explicação a acontecimentos misteriosos e sobrenaturais.

Todos os povos possuem suas tradições, crenças e superstições, transmitem através de lendas, contos e narrativas, provérbios, Parlendas e canções.

Esses veículos de expressão passam de uma geração a outra e ficam pertencendo determinado povo, de tal modo que desconhecemos seus autores.

Dessa forma proponho este tema de trabalho a fim de despertar mais conhecimento sobre este assunto e transmitir emoção, entusiasmo e mais amor pelas coisas de nossa terra, transmitindo também conhecimentos do passado e do presente de nossa região, para que possamos valorizar e preservar toda a poesia, a ingenuidade e a pureza da sabedoria popular.

5- REFERÊNCIAS

Livros

AZEVEDO, Ricardo. Armazém do Folclore, Editora Ática 1ª edição, 2007.

ARSLAN, Rosa Iavelberg. Coleção idéias em ação, Coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho São Paulo: Thomson Learning, 2006_.

COLEÇÃO - Folclore Divertido, adaptação e diagramação Ciranda Cultural, editora e ilustrações W Kids.

LARAIA, Roque de Barros. CULTURA – um conceito antropológico, Jorge Zahar. 2006, 19ª ed.

MELO, Veríssimo. O conto Folclórico no Brasil, Contos tradicionais do Brasil, Rio de Janeiro, Americ-Edit,1946;

SOUZA, Márcia Verônica Ramos de Macêdo; MACÊDO, Meyrelene Ramos de. **As Lendas da Floresta** contadas por seringueiros acreanos. Rio Branco, AC: Fundação Elias Mansour / Printac Gráfica e Editora, 2007. 74 p. il.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. História do Acre: novos temas, novas abordagens. Rio Branco, Editor Carlos Alberto Alves de Souza, 2002.

ARTE: Estudo e ensino. Carvalho, Ana Maria Pessoa. Ensino de Arte Luciana Mourão

Sites

Acesso: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/anthropology/1643717-cultura-um-conceito-antropol%C3%B3gico/#ixzz1Yawi6Azw> Data: 23/11/2011.

Acesso: <http://letras.cifras.com.br/hinos/acre> Data:25/11/2011.

Acesso: <http://tiomigamarajo.blogspot.com/2011/05/lenda-da-matinta-perera.html> Data: 23/11/2011.

Acesso: http://www.tyba.com.br/portugues/minha_conta/ampliacao.php?file=24-01-01-26. Data: 23/11/2011.

Acesso: <http://almaacreana.blogspot.com/2010/10/folclore-acreano-mitos-e-lendas.html> Data: 23/11/2011.

Acesso: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/lDb_5ed.pdf Data: 25/11/2011.

Acesso: <http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/folclore.htm> Data: 25/11/2011.

Acesso :HTTP://www.cidades.com.br/estado/acre/ac.htm em 15/12/2011.